



Guerra conjugal

O casamento aparece em obras de autores brasileiros desde o romantismo, de representações tradicionais às novas possibilidades de vida a dois, a três e até com mais personagens nas relações



EDITORIAL

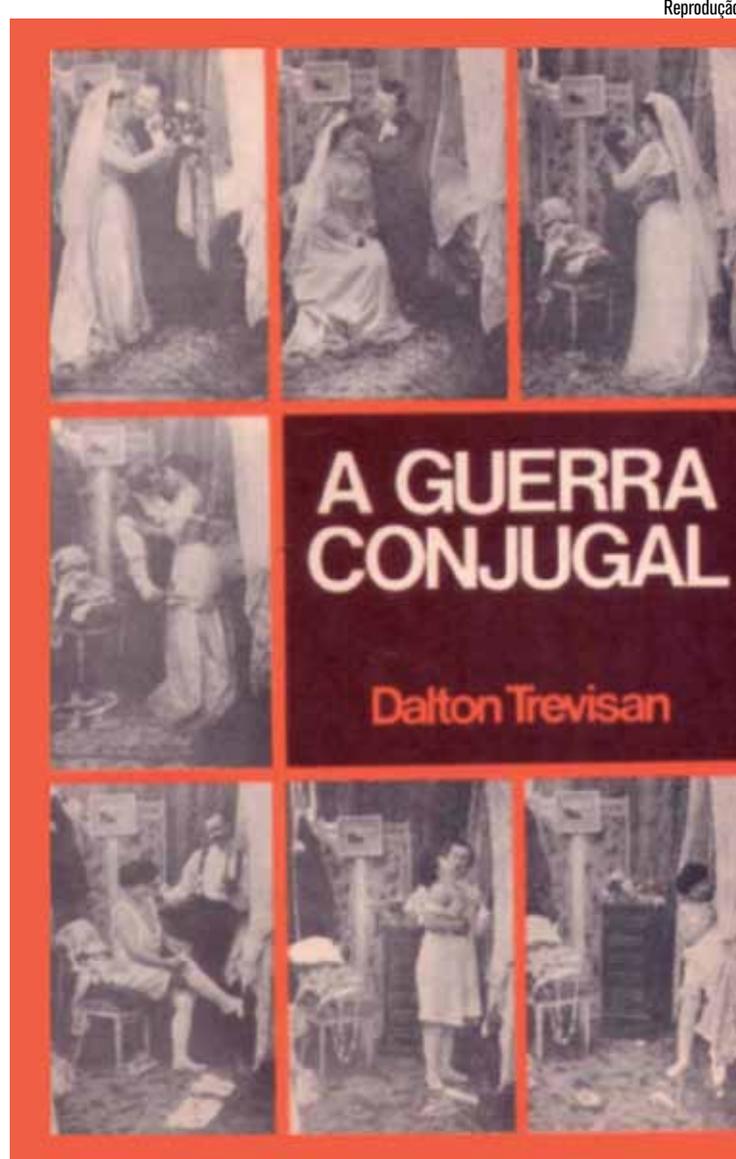
O casamento começa a aparecer em obras literárias brasileiras a partir do romantismo, no século XIX. De lá para cá, o relacionamento a dois, ou incluindo mais pessoas, e a representação ficcional dessas uniões mudaram muito. Esta edição do **Cândido** trata justamente de como foram e são feitas as narrativas a respeito de formas de amar.

Uma ampla reportagem apresenta o ponto de vista de alguns estudiosos do assunto. A professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) Giovanna Dealtry observa que há uma distinção entre casamento e relações afetivas: “o amor sempre foi um tema constante na literatura, desde os clássicos, mas não necessariamente havia uma correlação com o casamento”, comenta.

Já o professor aposentado da Universidade Federal do Paraná (UFPR) Paulo Venturelli diz ser necessário refletir sobre que tipo de amor está em jogo quando o assunto é casamento. “A sociedade sempre temeu as flamas do desejo. Precisou discipliná-lo por meio de normas. São elaborados certos códigos e verdadeiros métodos de colonização da mente/corpo para o humano ser enclausurado dentro de uma fôrma”, alerta Venturelli, também escritor, autor, entre outros, do romance *Madrugada de farpas* (2015) — um dos seis livros sobre casamento indicados pelo **Cândido**.

O professor da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) Leandro Pasini explica que o casamento é o ponto de chegada das narrativas tradicionais do romance romântico e no modernismo, período que ele estuda, a noção de casamento passa a ser problematizada, entre outros por Mário de Andrade e Oswald de Andrade. “O casamento ocorre já com o horizonte da possibilidade do divórcio [no modernismo]”, diz Pasini.

O casamento, que na ficção brasileira abre espaço para triângulos amorosos, segue representado durante todo



o século XX, principalmente em sua segunda metade, quando dois grandes autores se debruçam sobre o assunto: Nelson Rodrigues e Dalton Trevisan. De acordo com Venturelli, Rodrigues usa o casamento para mostrar a família como um grande centro produtor de neuroses e patologias de toda espécie.

Já o professor da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) Lourival Holanda analisa que Trevisan expôs a dramaturgia da mediocridade dos casais: “tomou o lugar-comum do tema e, no traçado sucinto dos contos, carregou no lugar-comum da linguagem dos casais: assim esvaziou o tema de qualquer grandeza.”

Allan Sieber, um dos mais destacados desenhistas e ilustradores do Brasil, foi convidado pelo **Cândido** para recriar a capa de um emblemático livro de Dalton Trevisan, *A guerra conjugal* (1969) [imagem], posteriormente renomeado *Guerra conjugal* — adaptado para o cinema em 1974 por Joaquim Pedro de Andrade. O resultado do trabalho de Sieber está na capa desta edição.

A reportagem ainda menciona *Simpatia pelo demônio*, de Bernardo Carvalho, e *O conto zero*, de Sérgio Sant’Anna, dois livros publicados em 2016 que tratam, cada um de uma maneira, da complexidade que são os relacionamentos afetivos.

Boa leitura!

EXPEDIENTE

CÂNDIDO

Cândido é uma publicação mensal da Biblioteca Pública do Paraná



Governador do Estado do Paraná: Beto Richa
Secretário de Estado da Cultura: João Luiz Fiani
Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: Rogério Pereira
Presidente da Associação dos Amigos da BPP: Marta Sienna

Coordenação Editorial:
Rogério Pereira e Luiz Rebinski

Redação:
Marcio Renato dos Santos e Omar Godoy

Estagiário:
Kaype Abreu

Coordenação de Desenho Gráfico | CDG | SEEC
Rita Solieri Brandt | coordenação
Bianca Franco e Raquel Dzierva | diagramação

Colaboradores desta edição:
Allan Sieber, Fábio Santiago Costa, Italo Moriconi, Isabella Lanave, José Marconi, Kraw Penas, Lucas Sevilhano, Luiz Paulo Faccioli e Rafael Gallo

Redação:
imprensa@bpp.pr.gov.br | (41) 3221-4974

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ
Rua Cândido Lopes, 133. CEP: 80020-901 | Curitiba | PR.
Horário de funcionamento:
Segunda a sexta, das 8h30 às 20h.
Sábados, das 8h30 às 13h.

Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressam a opinião do jornal.

Chacal na Biblioteca



Reprodução

De 7 a 9 de dezembro, das 14h às 17h, a Biblioteca Pública do Paraná promove a Oficina de Criação Poética “O poema além da palavra”, com o carioca Ricardo de Carvalho, o Chacal, um dos

expoentes da chamada “geração mimeógrafo”, movimento que chacoalhou a cultura brasileira durante a década de 1970. As inscrições, gratuitas, foram realizadas até 21 de novembro.

Marcadores de Página

A Biblioteca Pública do Paraná começou a distribuir a terceira edição da “Coleção BPP de Marcadores de Página”. Desta vez, foram homenageados seis autores da literatura nacional e estrangeira, em caricaturas assinadas por talentosos artistas brasileiros: Mário de Andrade (Klaus Koti), W.G. Sebald (Samuel Casal),

Caio Fernando Abreu (Pedro Franz), William S. Burroughs (Allan Sieber), Miguel de Cervantes (Pedro Franz) e Valêncio Xavier (Benett). Com tiragem de 6 mil exemplares (mil para cada autor), os marcadores são distribuídos gratuitamente no balcão de empréstimos da BPP.



UFPR e Cândia

A partir desta edição, o **Cândia** e o curso de Design Gráfico da Universidade Federal do Paraná (UFPR) firmam uma parceria. Alunos da graduação, sob a orientação da professora Carol Calomero, passam a colaborar com ilustrações para o jornal. Será pelo menos uma contribuição por edição, com desenhos inspirados a partir da leitura de contos, trechos de romances, poemas e reportagens. A seleção será feita pela equipe do **Cândia** e a orientadora do curso. O primeiro trabalho publicado é do artista Lucas Sevilhano, que ilustrou o conto do escritor Rafael Gallo, na página 14.



Reprodução

Curitiba RPG

A Biblioteca Pública do Paraná recebe no dia 3 de dezembro a primeira edição do Curitiba RPG, evento voltado para os fãs de role playing games, jogos de tabuleiros, card games e cultura “nerd” em geral. As atividades acontecem das 14h às 21h e incluem mesas para jogadores (iniciantes ou não), palestras e sorteios, além da participação de autores de literatura fantástica e clubes temáticos (Star Wars, Game of Thrones, Doctor Who, Sherlock Holmes, Harry Potter). A entrada é franca.

Segundo Sérgio Garcia, um dos organizadores, o evento é uma extensão dos encontros semanais de RPG realizados na Biblioteca desde 2013. “Como há um interesse muito grande por parte do público, identificamos a necessidade de expandir essas atividades”, afirma. A programação completa está disponível no site www.curitibarpg.com.br.





Miguel Sanches Neto

DA REDAÇÃO

O escritor Miguel Sanches Neto fez uma imersão em sua obra durante a edição de outubro do projeto “Um Escritor na Biblioteca”. No bate-papo mediado pelo jornalista e tradutor Christian Schwartz, o autor falou em detalhes sobre seus principais romances, como *Chove sobre minha infância*, livro que marca sua estreia nas longas narrativas e que trata de seu passado no interior do Paraná.

“*Chove sobre minha infância* foi escrito num grande impulso, sem pensar muito, em um mês, um mês e pouco. Eu sentava no computador e passava o dia trabalhando”, diz o escritor.

Nascido em Bela Vista do Paraíso, no Norte do Estado, Sanches Neto cresceu em um ambiente rural e teve uma formação literária autodidata, a partir do incentivo de alguns professores do colégio agrícola em que estudou. Hoje o escritor leciona na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e é autor de mais de 30 livros, entre crítica, poesia, crônicas e contos. Em sua obra, destacam-se os romances *Um amor anarquista* e *A máquina de madeira*, ambos escritos a partir de fatos históricos, o que tem sido uma das marcas da produção de Sanches Neto nos últimos anos. “O romance histórico que escrevo é um romance com bastante liberdade. A partir de alguns fatos, construo uma história que é completamente minha, ficcional”, explica.

O escritor também falou sobre sua obra mais polêmica, *Chá das cinco com o Vampiro*, livro publicado em 2010 e que ganhará nova edição pela Companhia das Letras ainda este ano. Controverso, o romance fala sobre a cena literária curitibana e seus principais personagens. “O livro foi escrito como uma homenagem ao Jamil [Snege], uma espécie de desconstrução do meio literário curitibano”, diz.

Em 2016, o autor lançou *A Bíblia do Che*, romance ambientado principalmente em Curitiba, sobretudo na região da Praça Osório, no centro da cidade, em que retoma o protagonista do romance *A primeira mulher*, o professor Carlos Eduardo. O personagem é contratado para localizar um exemplar de uma Bíblia que pertenceu a Che Guevara, que teria anotações feitas por ele durante uma de suas passagens pelo Brasil.

A seguir, trechos com os melhores momentos da conversa.



Formação

A trajetória de minha formação está em alguns dos meus livros, como em *Herdando uma biblioteca*. Até os meus 12 anos, nunca havia lido nenhum livro de literatura e só tivera contato com obras escolares. Minha mãe tem o primário incompleto. Meu pai, já falecido, era analfabeto. Meus avós também eram analfabetos. O meu padrasto, que foi quem me criou, tem pouca escolaridade. O fato é que em casa não havia nenhum livro além dos escolares, que eram tratados pela minha geração com muito desdém. A gente recebia, na sexta série, os livros dos alunos que estavam na sétima, um ano à frente, portanto. Livros preenchidos. Apagávamos as primeiras páginas, mostrávamos para a professora e continuávamos utilizando aquele manual sem surpresas.

Ponto de virada

Se não tivesse acontecido um incidente, eu teria ficado nesse nível superficial de contato com a cultura. Eu sempre apagava o quadro para uma professora de quem gostava. Mas num determinado dia, um amigo me empurrou enquanto eu fazia o trabalho. Sem pensar muito, me virei e dei um murro no rosto dele. Não que tenha sido muito forte, mas foi o suficiente para cortar o seu lábio, o que fez com que eu fosse parar na direção. Na época da ditadura militar, isso era quase uma revolução. Você bater em alguém e tirar sangue durante a aula. Então estavam lá decidindo se me dariam suspensão ou não. A direção queria me suspender, mas um professor de quem eu também gostava muito, Nely Pinheiro, disse “não, esse menino é estudioso, não vamos suspender-lo. Vamos apenas dar um castigo”. Qual o pior castigo que os professores poderiam dar a crianças na época da puberdade, pensando em mil coisas? O

castigo que me deram foi fazer um trabalho na biblioteca da escola. Foi então, no dia seguinte, que pela primeira vez entrei em uma biblioteca.

Adaptação

Sem saber o que fazer ali, procurei resolver o trabalho que me deram. Comecei a frequentar a biblioteca e a ler. Lembro-me que o primeiro livro que li foi *Últimos sonetos*, do Cruz de Souza. Não entendi absolutamente nada. Hoje sou um grande defensor de livros que a gente lê e não entende, porque é também uma experiência literária — mesmo quando não conseguimos ou não estamos preparados para ter compreensão parcial ou total da obra. Foi

então, nessa biblioteca, que comecei a minha formação autodidata. E descobri que se eu falasse para a minha família que tinha um trabalho para fazer na biblioteca, não precisaria ajudar nos serviços em casa — acompanhar meu padrasto na cerealista, limpar o quintal etc. A leitura se tornou para mim quase uma segunda experiência de vida. É como se eu tivesse uma vida antes de conhecer a biblioteca e uma vida depois desse contato bruto com o livro.

Avançando

O segundo passo dessa formação foi quando entrei no colégio agrícola, onde deveria aprender coisas extremamente importantes, como regulação da

plantadeira, velocidade do trator, etc. Eu me isolava num galpão, em cima da caixa da água, ou mesmo no dormitório, e ficava lendo os livros que minha professora de português me trazia — ela deixava livros para mim e um amigo, o Valdir Heitor Barzotto, hoje professor na USP. Foi o Barzotto que me indicou a faculdade de Letras, na cidade de Mandaguari, onde eu estudaria mais tarde.

Romance de 30

Essa professora que me iniciou na literatura trazia vários romances da Geração de 30: Graciliano Ramos, José Lins do Rego etc. E também alguns autores russos. Ela não morava na fazenda onde funcionava o colégio interno. Lá



só residiam os meninos. Os professores vinham todos os dias da cidade, de Campo Mourão. O colégio funcionava no antigo matadouro municipal. Eu dormia num barracão que tinha sido matadouro. O que eu acho uma metáfora perfeita para minha adolescência.

Biblioteca pessoal

Só depois que comecei a trabalhar em fazendas, como peão, montador, ajudando meu padrasto na cerealista, a Máquina Bandeirante, é que iniciei minha biblioteca pessoal, que passa a existir a partir dos meus 17 anos. É nesse período que começo a ter algum dinheiro para comprar livros.

Curitiba anos 1980

Em 1983 eu vim para Curitiba depois de uma experiência frustrada no Mato Grosso. Havia sido contratado em Rondonópolis para ser técnico agrícola, cheguei lá e fui cozinheiro nos primeiros meses, depois montador de silos e peão na fazenda. Em Curitiba, me tornei timidamente um frequentador da Biblioteca Pública do Paraná. Depois volto ao interior. É nesse momento que faço a faculdade. Depois de formado, venho trabalhar na Região Metropolitana de Curitiba, em 1987. Dei aula em Colombo, Pinhais, Rio Branco do Sul e Piraquara. Aí, sim, começo a frequentar assiduamente a BPP. Sou fruto de uma família em que a vocação para a leitura não existia, sou fruto de uma trajetória torta, em que não havia nenhuma perspectiva de se tornar escritor, de ler e escrever, e sou fruto em boa medida de bibliotecas públicas.

Resenhista

Chove sobre minha infância é um livro estranho. Já havia publicado uma coletânea de poemas, chamada *Inscrições a giz*, que ganhou o Prêmio Na-

cional Luís Delfino, de Santa Catarina. Depois desse livro, tornei-me amigo do José Paulo Paes. Eu ia a São Paulo e sempre passava na casa dele. O Zé Paulo então me deu um conselho. Disse para eu parar de publicar e me ocupar de outras coisas, deixar para escrever literatura quando estivesse mais velho. Então, continuei escrevendo poemas e contos, mas não publiquei. Passei a me dedicar integralmente à resenha. Em 1994, estreei uma coluna de crítica literária na *Gazeta do Povo*, que manteve até 2012 — em determinado período também alternei crônicas neste espaço. De 1993 a 1999, atuei apenas como resenhista. Colaborei na revista *República*, em seguida na *Bravo!*. Nesse período, estava voltado para a resenha e para a crítica literária. Não esperava escrever ficção tão cedo.

Crise e volta à ficção

Em 1999 passei por uma grande crise de saúde. Descobri uma doença crônica chamada Síndrome de Addison. Tinha 35 anos e me bateu aquele medo terrível de morrer sem produzir os livros que imaginava escrever. Foi no meio dessa crise, num final de ano, que me tranquei em minha casa durante um mês, em um período de férias, em dezembro ou janeiro. Eu me tranquei num quarto vazio em que coloquei um computador, uma mesa e uma cadeira. Aí fiquei um mês escrevendo sem parar o *Chove sobre a minha infância*.

Influências

No Brasil, nos anos 1990, foram publicados três grandes livros que me impactaram. Um deles era, talvez um dos mais belos escritos no Paraná, *Como se fiz por si mesmo*, do Jamil Snege. Trata-se de um projeto de memória do Jamil, mas é uma memória muito sacana.

Ele não quis fazer ficção, mas saiu ficcional. Um livro maravilhoso, que tem aquela frase final que nunca esqueço: “Havia um rei, havia um reino, eu me errei”. Isso é um programa de vida. Tem um rei, um reino, e a gente se erra. A gente nunca vai com o rei nem com o reino. Também tinha lido o *Quase memória*, do Carlos Heitor Cony, outro romance deslumbrante. E o terceiro livro que me impactou — que para mim é um dos marcos da literatura contemporânea, mas hoje pouco comentado — foi *À mão esquerda*, do Fausto Wolff, um romance geracional. Eu estava com essas leituras muito frescas na cabeça, com muita admiração por esses livros. Então comecei a escrever *Chove sobre minha infância* inspirado nelas.

Empreitada

Escrevi esse livro em um mês, um mês e pouco. Eu me sentava ao computador e passava o dia trabalhando. Muitas vezes me dava sono à tarde, aí dormia um pouco e continuava depois a escrita. Parava à meia-noite, uma hora da manhã, fazia uma macarronada. Comia e voltava ao livro, em seguida dormia mais um pouco... Foi um mês assim, em que meu calendário não era dividido nem em horas nem em dias, mas em números de páginas. “Ah! Terminei tantas páginas, agora posso descansar”, dizia para mim mesmo. Aí descansava um pouco, fazia mais cinco, dez páginas. *Chove sobre minha infância* foi escrito num grande impulso, sem pensar muito.

Literatura autobiográfica

Esse tema é, digamos, uma corcunda que acabei ganhando. O *Chove sobre minha infância* foi baseado muito nas vivências da minha família. No romance, criei para mim uma compreen-

são das coisas de que me lembrava, das histórias que minha mãe e minha avó me contaram. Mas em tudo isso já havia apenas uma vaga relação com as experiências reais. Aprofundei a ficcionalidade dessas narrativas memorialísticas sem nenhum problema. Tanto é que ao ler algumas passagens do livro minha mãe me repreendeu: “Filho, não aconteceu bem assim, acho que você errou”. Não é que eu errei, é porque o romance exige uma estrutura. E quando você trabalha com uma estrutura romanesca, mesmo que use sua vida, a história já adquire uma energia desviante. As referências à minha vida e à minha família são reais, mas a maneira como moldei essa história é completamente ficcional. Então, dentro dessa estrutura, mesmo a narrativa mais autobiográfica assume um valor universal.

Romance histórico

Sempre quis fazer romances híbridos. Se você pegar o *Chove*, vai ver que é um romance híbrido, porque tem estrutura de romance, mas também é um livro de memórias. O romance histórico para mim também foi uma oportunidade de fazer romance híbrido, algo que fosse literatura, mas que tivesse um pé na História. Jamais quis fazer um romance histórico clássico, que funcionasse dentro de um padrão mais de História mesmo. O romance histórico que escrevo é um romance com bastante liberdade. A partir de alguns fatos, construo uma narrativa que é completamente minha. Mas ele dá ilusão, para quem está lendo, de que aquilo de fato aconteceu daquela forma. Mas tem muito de invenção e de memória pessoal. Uma coisa que me ajudou muito a escrever *Um amor anarquista*, por exemplo, foi eu ter morado em colégio agrícola, porque era uma experiência dentro de



uma colônia rural — não era socialista nem anarquista, mas era agrícola. Então, quando eu estava falando da colheita do milho, de carregar o cesto cheio de milho nas costas, sabia o que estava dizendo, porque eu tinha carregado milho e acompanhado o plantio, etc.

Um amor anarquista

Eu trabalhava na editora da minha universidade [Universidade Estadual de Ponta Grossa] e uma das minhas funções era acertar livros que chegavam lá. Um dos trabalhos que chegou foi o de um médico descendente dos anarquistas da colônia. Esse médico, Cândido de Mello Neto, tinha feito uma pesquisa por todos os arquivos anarquistas. E eu revisei o livro dele, que se chama *O anarquismo experimental de Giovanni Rossi*. Trabalhei com ele alguns meses. Nesse período, ele me levou ao lugar onde ainda havia alguns resquícios da colônia, conversava com os familiares, me deu cartas... Enfim, ele me passou um arquivo com informações sobre o tema — eu já havia lido *Anarquistas graças a Deus*, livro da Zélia Gattai, que também é sobre a Colônia Cecília. Então meu interesse em ler outras coisas sobre esse episódio cresceu. O Dr. Cândido sempre dizia que eu devia escrever um romance sobre o assunto. Foi quase uma obrigação que assumi com ele. Acabei escrevendo, mas ele não soube disso. Morreu antes. Mas foi o gatilho desse livro.

A segunda pátria

Eu estava lá na roça, ouvindo os galos os passarinhos cantarem, lendo meus livros, tomando nota, quando recebo um telefonema do Bruno Porto, que havia editado o *Chá das cinco com o vampiro*. Ele me convocou para uma reunião na Intrínseca. Fui até lá e eles me convidaram para fazer o primeiro romance brasileiro da editora. Só que

a história precisava se passar durante a Segunda Guerra Mundial. Então a ideia veio deles. Voltei a Ponta Grossa e estudei várias possibilidades. Fiz um pré-projeto, chamava-se “Deportações”. Submeti à editora, que o aprovou. Tive dois anos para escrever esse livro. E aí é uma vantagem você ser professor universitário. Você tem metodologia de pesquisa. Tracei o que precisava pesquisar, o que fazer. A ideia do Sul nazista estava nas minhas primeiras anotações. Lembro da minha infância, de alguns alemães que eram tratados com receio na cidade por conta do nazismo. Inclusive de alguns parentes distantes. Fiquei com essas histórias na cabeça. Também tinha lido um livro maravilhoso, que recomendo, chama-se *O guarda-roupa alemão*, da Lausimar Laus, autora de Santa Catarina pouco conhecida fora de lá. Esse livro me dava o imaginário do nazismo no Brasil. Também havia lido *Um rio imita o Reno*, do Vianna Moog. O livro é muito bonito, mas literariamente frágil, estruturalmente ruim. Então, a partir desse imaginário, construí uma narrativa totalmente ficcional. Antes uma distopia do que um romance histórico.

Discípulo de Jamil

Chá das cinco com o vampiro é meu livro mais polêmico — não que eu quisesse. Tenho uma personalidade do confronto, que se manifesta na minha vida em vários níveis. Quando escrevi o *Chá das cinco*, estava em um momento de confronto com o meio literário curitibano. Eu era um discípulo, e ainda sou, do Jamil Snege. O Jamil tinha um olhar muito irônico sobre Curitiba. Quem conviveu com ele sabe disso. Ele era de um sarcasmo a toda prova. Mas era um sarcasmo amoroso, algo muito interessante. Ele te sacaneava, mas sacaneava amorosamente. E ele sacaneava





todos os amigos, e nós o sacaneávamos também. Havia um pacto de sacanagem que um fazia com o outro. Vou dar um exemplo. O Valêncio Xavier se vangloriava do prêmio Jabuti pelo romance *O mez da gripe*, que saiu pela Companhia das Letras. Mas o prêmio era de melhor projeto gráfico, não de melhor romance. E o Jamil, numa Feira do Livro, aqui em Curitiba, mandou fazer um cartaz e colocou na frente do romance do Valêncio: Prêmio Jaburu de Literatura. O mais engraçado é que o Valêncio não percebeu que era brincadeira.

O polêmico *Chá das cinco*

O livro é escrito como uma homenagem ao Jamil, uma espécie de desconstrução do meio literário curitibano. Ele nasceu em um momento de confronto com Dalton Trevisan e outros autores locais, mais especificamente com um determinado *status* literário do Paraná. Gosto desse livro, não tenho nada contra ele ou contra qualquer um dos meus outros títulos.

Reações

Eu escrevo sem me preocupar com o julgamento das pessoas. No *Chá das cinco* foi uma tensão muito grande, cheguei a receber ameaças. Um período em que temi realmente pela minha integridade física e da minha família. Amigos presenciaram pessoas em auditórios aqui em Curitiba, dizendo: “Temos que acabar com esse escritor, temos que acabar com esse livro”. Tive que viver de uma maneira que aceitasse toda crítica que faziam a mim. Mas as coisas vão sendo ajustadas. Recentemente o Paulo Venturelli escreveu aqui no **Cândido** um ensaio sobre literatura no Paraná em que fazia um balanço da recepção acalorada a meu livro. Foi uma das melhores críticas* que o livro recebeu, e foi *a posteriori*. É apenas um parágrafo

em que ele fala do livro depois que a poeira assentou. E me deu algum alento, indicando que eu não estava errado. O que houve foi uma má compreensão do livro naquele momento, com as pessoas achando que era apenas um ataque. Na verdade, era uma homenagem às avessas, à maneira do Jamil Snege. Uma homenagem crítica, sarcástica.

Che em Curitiba

Eu sabia dessa história, todo mundo já ouviu falar dessa lenda. O Valêncio Xavier tem um conto sobre Che Guevara em Curitiba. O texto saiu na *Folha de S. Paulo*. Tinha lido, mas nunca me interessei por esse tema. Uns três anos atrás, fui tomar vinho com um amigo médico, Fábio Milléo. Aí ele começou a me contar que na década de 1970, quando ele tinha contato com gente do Movimento Revolucionário 8 de Outubro, o MR8, viu uma Bíblia com anotações de Che Guevara. Perguntei se essa Bíblia havia mesmo existido e se ele não conseguiria localizá-la. Ele me relatou que ficou durante um tempo com o exemplar da Bíblia em que Che Guevara teria sublinhado passagens da vida de Cristo, identificando uma atitude revolucionária a ser seguida. Isso era extremamente interessante. Contra a ideia do homem que vem trazer a paz, a do líder que quer a guerrilha. Aí eu lembrei também de um conto do Dalton Trevisan em que Jesus aparece como personagem do mundo real expulsando os vendilhões do Templo. A partir dessa conversa, comecei a pesquisar, comprei livros e fui ao Arquivo Público do Paraná. Descobri uma pasta imensa sobre a passagem do Che por Curitiba e pelo Paraná, arquivos do Dops, etc. Peguei também outras pastas sobre o MR8. Copiei tudo em um pendrive e fui para casa estudar. Quando comecei a ler essa história, fiquei

fascinado. É um mito. De fato, ele não passou por aqui, mas há documentação sobre isso, trechos de jornal, o endereço do hotel em que ele teria ficado em Maringá (PR), o lugar em que se hospedou em Barracão (PR), tudo isso tirei dos jornais. É aquela coisa da literatura: não ocorreu no plano real, mas foi intenso no plano da imaginação. Essa é outra coisa que a gente aprende fazendo ficção: você tem que ter um compromisso com o teor de verdade. Eu tenho insistido muito nisso. Essa questão remete a uma passagem do Walter Benjamin, nos ensaios em que ele escreve sobre Goethe. Tem um trecho muito bonito, que diz que o importante da literatura não é o teor factual — o factual é importante para o historiador —, para o escritor o importante é o teor de verdade que ele consegue imprimir num livro, mesmo não tendo uma relação direta com a história. Isso acho que explica um pouco a maneira como eu faço romance histórico. ■

Nota

*“*Chá das cinco com o vampiro* satiriza e tenta demolir vários escritores de Curitiba. Confessamos que este trabalho nos incomodou muito, porque criou um ninho de vespas e ao lê-lo elas voaram e nos picaram por todo o corpo. Talvez até tenhamos sido injustos com certas críticas que fizemos ao romance em eventos. Agora, passado algum tempo, estamos certos que uma das funções da literatura é realmente incomodar, nos tirar do conforto de nossas posições e sendo assim, vemos o romance como um ato de coragem de enfrentar certos figurões, pelo menos para despertar a sempre saudável polêmica” (Paulo Venturelli em “A literatura paranaense”, publicado na 25ª edição do **Cândido**).

Tudo pode dar certo

Fotos: Kraw Penas





Alberto Benett reuniu ao longo da vida pouco mais de mil livros, que revelam a trajetória de sucesso do cartunista que descobriu sua profissão graças às primeiras leituras

KAYPE ABREU

Alberto Benett, 42 anos, diz que os autores que mais impactaram sua vida de leitor foram Jaguar, Angeli e Charles Schulz, todos desenhistas com atuação na imprensa. Coincidência ou não, Benett também se tornou um desenhista e trabalha em jornais, atualmente na *Gazeta do Povo* e na *Folha de S. Paulo*.

Trinta anos separam o primeiro contato que ele teve com livros com a sua biblioteca, que hoje soma mil e duzentos títulos, de literatura, quadrinhos, cartuns a romances gráficos. Inicialmente, ele teve acesso principalmente a clássicos literários, entre os quais *Volta ao mundo em 80 dias*, de Júlio Verne, *Fausto*, de Goethe, e *As viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift — que integravam a coleção da casa dos seus pais, não leitores. “Naquela época, não havia livrarias em Ponta Grossa, cidade onde nasci e morei

por algum tempo. Então, eu e um amigo íamos em busca de livros em papelarias e na biblioteca da cidade.”

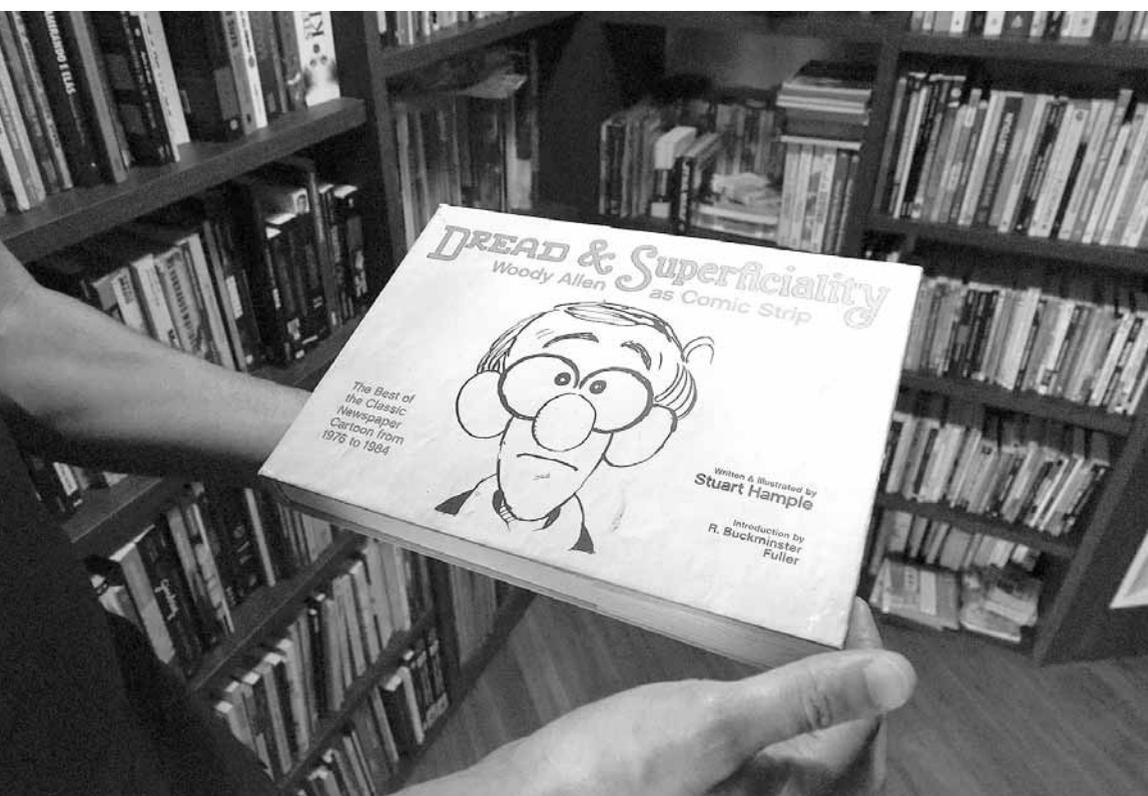
Adolescente, conheceu a obra dos escritores Charles Bukowski, Jack Kerouac e John Fante — que atualmente já não despertam o interesse de Benett. “Foi mais uma fase”, diz. Entre os livros que ele costuma reler figuram a obra completa de Millôr Fernandes, *O apaixonador no campo de centeio*, de J. D. Salinger, e *Dread & Superficiality*, de Stuart Hampley (uma espécie de Woody Allen do cartoon, segundo Benett).

Autor dos livros *Benett apavora! — Para toda família disfuncional!!!* (2007) e *Amok — cabeça, tronco e membros* (2013), Benett diz que atuar como desenhista, seja por meio de livros ou na imprensa, exige repertório e responsabilidade. Durante o ensino médio, ele teve uma breve

passagem como cartunista em sua cidade natal. “O curso de jornalismo me ajudou a ser crítico, mas não infantil”, comenta o jornalista formado pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

Benett também escreve, já publicou crônicas na *Gazeta do Povo*, coordenou a revista *Zongo Comics*, que trazia até entrevistas, e em seu espaço na internet (<http://benettblog.zip.net/>), produz sistematicamente textos que revelam as suas leituras, com muitas referências, principalmente a Woody Allen, um de seus autores favoritos.

A sua rotina atual exige uma divisão de tempo, uma vez que, além do trabalho, divide o tempo com a mulher e dois filhos. Mas não abre mão dos livros e de conferir os Simpsons na TV. “Acho que minhas leituras de certa forma construíram quem eu sou”, diz. ■



O super-homem vai ao supermercado, de Norman Mailer

“O livro narra a cobertura das convenções democratas para escolher os candidatos a presidente dos Estados Unidos. O Mailer acompanhou todos os debates e comícios”, diz. *O super-homem vai ao supermercado* também retrata o contexto social dos anos 1960, com a Guerra Fria, o movimento hippie, a revolução sexual e a guerra do Vietnã.

Dread & Superficiality, de Stuart Hampley

“São as *gags* que o Woody Allen tinha de gaveta. Um quadrinista transformou em quadrinho. Isso me influenciou muito o meu estilo de humor: o tipo da piada, a temática. Descobri Woody Allen quando passou na TV pela primeira vez *Sonhos de um sedutor*. Eu me identifiquei porque era um personagem meio desastrado.”

É pau puro!, de Jaguar

“É um livro só de cartuns, quase um manual para quem está começando, desde o desenho até o estilo do humor. O Jaguar é histórico. Na época (eu tinha 13 anos) em que eu adquirei era um tesouro perdido. Não existia internet, para conseguir uma coisa dessa tinha que vasculhar em sebo.”



Vida no inferno, de Matt Groening

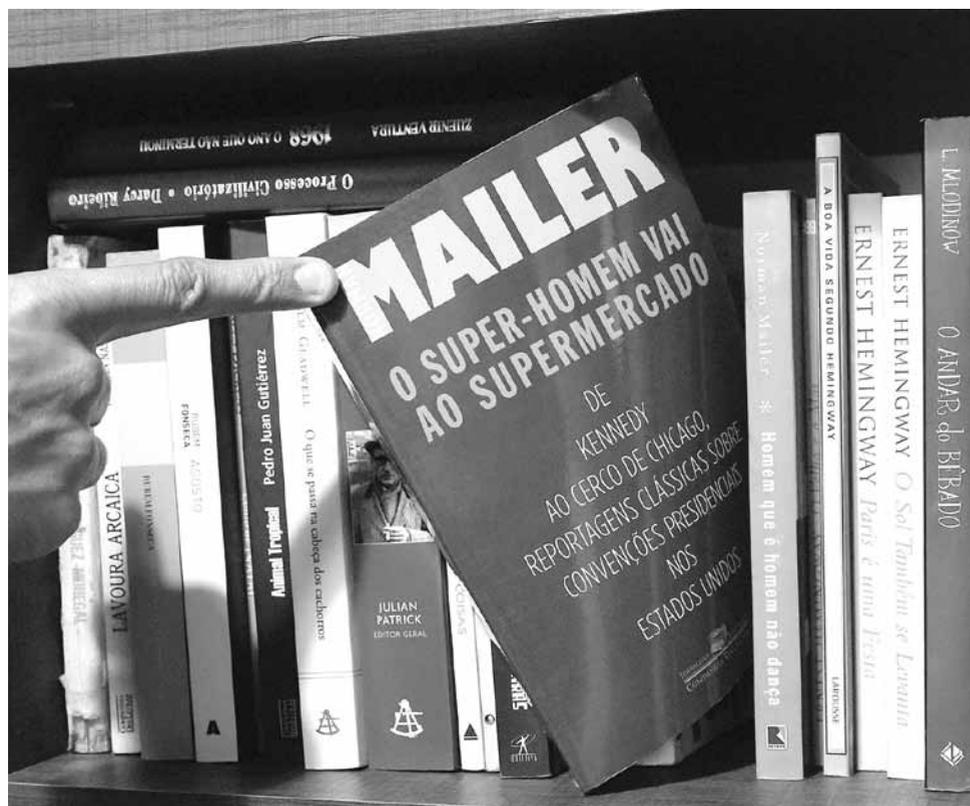
“Matt Groening é o cara que criou o Simpsons. Esse é o primeiro trabalho dele. O Groening tem um tipo de humor muito particular, é autobiográfico e pessimista. Mas é uma autocrítica com humor, não é vitimista”, conta Benett. *Vida no inferno* foi criada no final dos anos 1970 e publicada por mais de 25 anos na imprensa.

Millôr: obra gráfica

“Millôr consegue unir o desenho com um texto que é magnífico. Não existe no mundo alguém com tantas frases brilhantes e que seja também um excelente desenhista. Tem uma simplicidade aparente, mas é muito difícil fazer o que ele faz”, diz o Benett. O livro reúne 500 originais, que abordam os principais temas dos 70 anos de produção de Millôr.

The Peanuts Collection, de Charles M. Schulz

“Gosto mais do Charlie Brown do que do Snoopy. Ele é mais existencialista — é quase um espécie de Woody Allen dos quadrinhos”, conta. Ambos os personagens fazem parte da série *Peanuts*, uma das mais populares do mundo.



Factotum, de Charles Bukowski

“Quando eu tinha uns 20 anos, *Factotum* era um dos meus prediletos. Eu tinha interesse em saber como era o underground americano e acho que o livro mostra bem isso”, diz. O livro conta a história de Henry Chinaski, um desempregado alcoólatra que cruza os Estados Unidos trabalhando em empregos temporários e se dedicando à escrita.

O apanhador no campo de centeio, de J.D. Salinger

“O que me cativou em Salinger foi a postura dele. O narrador é um pouco niilista, confuso e com uma vontade imensa de sair daquilo que o destino tinha reservado para ele. Salinger me inspirou a criar o Amok, personagem que lancei em 2013”, diz. O livro narra um fim de semana na vida de Holden Caulfield, um jovem adolescente que, na volta de um internato, reflete sobre a vida.

O melhor da Disney — As obras completas de Carl Barks

“Carl Barks fazia as histórias de aventura da Disney. Ele que inspirou Indiana Jones. As narrativas dele geralmente envolviam busca de lugares inexplorados, fugindo do óbvio”, conta. Barks é criador de, entre outros personagens, Tio Patinhas, Irmãos Metralha e Professor Pardal.

TANGO





Os bandoneóns começam. Três notas apenas lançadas ao ar, que já se torna mais espesso, amadeirado. Ainda está completamente escuro. Nós nos colocamos em extremidades opostas do palco, e do seu lado parece tudo vazio, porém: a sua presença ressoa até meu corpo, por alguma acústica mais secreta. Não posso te alcançar, tampouco enxergar, mas não tenho dúvidas de que está ali. Eu sinto você.

O piano ataca o primeiro acorde; no mesmo golpe um feixe de luz branca arrebenta sobre você, outro sobre mim. Arrancados da penumbra de repente, por um rasgo de cima a baixo na escuridão, nos encaramos nos papéis que todos podem presumir ser de amantes. Ainda persiste aquela espécie de susto sedutor ao nos depararmos? Na plateia, há um frêmito sensível, mas e entre nós? Algum vestígio desse assombro delicado? Há para você, Lucía?

Vejo sua sombra no chão, seu pé a desprender-se dela, como se o corpo e o espírito se separassem para esse momento. O quanto da Lucía com quem partilho a cama e os dias está nesta que agora baila comigo? Ergo também meu primeiro passo. A música pulsa em folhas ofegantes. No ritmo, caminhamos um ao encontro do outro, minhas pernas pisando o mesmo instante das suas pegadas. Por quê, Lucía? Por que acertamos tão exatos os nossos passos juntos nessa dança, mas não em

todo o resto? As agulhas dos seus saltos arrancam do tablado estalos intencionais, como se farpas direcionadas a mim.

Eu antecipo cada movimento seu, formamos nossa simetria um no outro. Depois de tantos anos, de toda a intimidade, sabemos nossos corpos de cor. Será justamente esse o problema? Porque agora suas curvas conhecem exatamente os limites da moldura de meu abraço, e então você se posta junto a mim, de costas, mas, mesmo sem ver, você sabe como quedar-se nos pontos onde tudo em nós se tangencia, sem que nada se aconchegue. Posso sentir as lantejoulas de seu vestido vermelho me roçarem, enquanto suas costas se previnem do meu peito. Cenicamente perfeito. Para a plateia que nos vê pela frente, a ilusão de sua entrega é total. Você sabe todos os truques, Lucía. Nós dois sabemos, pois eu também não invado seus limites invisíveis. Nem para fingir um erro da minha parte, que talvez poderia nos quebrar esse encanto de distanciamento.

E agora é a sua primeira deixa para se afastar; dois passos a se distanciarem de mim, e eu a retenho pelo braço. O violino inicia a melodia do tango e simulamos um breve jogo de resistência e rendição. Uma fuga sua que eu evito. Mas mesmo que eu a agarre todas as noites, nessa repetição farsesca, na verdade você está sempre a me escapar. Não é?

Iniciamos as voltas, te lanço em

rodopios velozes. Nesse circo que montamos de nós mesmos, deveríamos ser os alegres malabaristas um do outro, mas me sinto desenfreado dentro do globo da morte. Onde erramos? Talvez não seja essa a pergunta, mas sim: quais acertos nos condenaram? Porque no começo, errávamos tanto nosso bailar e, ainda assim, ou por isso mesmo, éramos tão mais próximos. Trocávamos um sorriso disfarçado a cada desacerto, um pequeno gesto oculto dos holofotes e da música, que nos ligava em uma harmonia paralela, só nossa. Onde estão essas coisas que pertencem apenas a nós dois? Parece que nossos elos mais íntimos ressecaram justamente ao crescer nossa intimidade. Não faz sentido isso, Lucía, não deveria fazer.

E se voltássemos a errar? E se eu cometesse um deslize agora, fraquejasse diante de você e de todos? Você aceitaria de bom grado esse sinal de fragilidade? Será que eu conseguiria te fazer sorrir de novo? Mas você nem me olha. É como se tivéssemos envelhecido dez anos para cada um que estamos juntos. Cadê a menina em você, o menino em mim? As nossas brincadeiras? Mantemos a seriedade por toda a performance, preservamos íntegro o totem de nossa própria mitologia. Um casal romântico e impetuoso: marcados pelo pesado contrabaixo, o violino cortante, os bandoneóns acariciadores e o piano que percorre extremos. É isso

que somos? Nada mais do que essa sombra de cores fortes? Talvez tenhamos, então, nos enganado ao nomear o que são os erros e os acertos. Porque antes éramos mais felizes, estimulantes um para o outro. Éramos apaixonados, não apenas unidos. É um destino inevitável nos perdermos assim? Eu não quero; você quer?

Passo a mão pela fenda de seu vestido e a trama de sua meia-calça parece uma grade a me prender do lado de fora. Há outras fendas por onde eu poderia me esgueirar e tentar te alcançar? Te impulsiono para o alto, você se monta ereta, de cabeça para baixo. Uma torre sólida, que demanda força e confiança. O violino, solo, mantém a nota mais aguda, como se denunciasses o fio perigoso que nos sustenta. É essa linha tênue tudo o que temos? Mas se ela basta para nos manter atados, firmes, então deve haver uma maneira de refazermos os laços.

O público aplaude nossa acrobacia. Sei que mobilizamos todos na plateia, desde a admiração até a libido. Claro, dominamos como ninguém os gestos da volúpia, conseguimos elevá-los ao grau máximo. Conseguimos mesmo? Ainda que você desenhe curvas no ar, caia de pernas abertas em meu colo e nos entrelacemos em um encaixe escultural, você não parece se abalar. Eu ainda te provoço algo? Nossos gestos eficientes parecem não surtir efeitos.

Enleamos a todos, noite após noite; desconhecidos que têm a mesma ilusão turística quanto ao casal no palco e toda a Buenos Aires, crenças de compreender o que veem, pela superfície bem arrumada para recebê-los. Cada homem aqui fantasia contigo, cada mulher comigo; sonham em viver sob nossa pele. Mas se é justamente sob nossa pele que tudo se dissipa... Amar é esse sonho, Lucía, que sempre se esvai?

Não sei o que aconteceu, o que acontece. Por que o desejo não é algo que aprimoramos com o passar dos anos, como nossas outras habilidades? Por que não ganhamos destreza na paixão como ganhamos na dança? Por que essa natureza oposta no nosso erotismo, que não se tonifica, mas justamente arrefece, quanto mais experiência temos? Que outros ensaios precisamos repetir, que outras técnicas praticar até a exaustão, para apurar cada detalhe de nosso enamoramento? Que partes de nossos corpos, que músculos, que pontos de equilíbrio precisamos conhecer melhor, para nos amarmos mais fortemente? Ou é inevitável perder-se nessa contramão entre o tempo e o querer? Seria preciso um treinamento reverso? Desaprender todas as técnicas, todas as sincronias do envolvimento, todo o conhecimento de nossos corpos? E é possível isso, Lucía?

Tenho vontade de te perguntar tudo isso, bem aqui, bem agora. Não quero estender meus braços como leme e te conduzir, dessa maneira; quero me deixar à sua mercê. Quero parar tudo isso, calar o piano, os bandoneóns e as cordas. Quero gritar contra seu rosto todas essas perguntas. Quero saber o que você pensa, quem é você. Quem é você, que não abre para mim esses olhos de rímel? O que somos nós, Lucía, o que podemos ser? Eu gritaria agora, mas você nem me enxerga. É preciso manter as expressões impávidas: o meu rosto em um domínio grave, o seu sempre como à iminência de um êxtase melancólico. Olhos semicerrados e lábios entreabertos: a medida áurea da lascívia. Ninguém conhece esses artifícios tão bem quanto você. Ninguém. Eu queria gritar contra esse seu rosto, Lucía. Mas você me responderia alguma verdade?

Abandono a cabeça em seu peito, sinto seu cheiro de suor e jasmim. Você me agarra os cabelos. Alavanco seu corpo para levitá-lo, você ergue sua perna como uma foice, desaba o fio cortante sobre a minha coxa. Te aperto mais forte do que deveria, para lançar um sinal. Mas você zela pela ordem da performance, retesa ainda mais o corpo para não deixá-lo se curvar além do ponto. Não haverá erros, nem desvios, nem sorrisos. A coreografia segue intacta, nós seguimos intactos.

Alcançamos o centro do palco, os compassos finais do tango. Os três atos desse romance em miniatura fecham-se agora. Posicionados sob o holofote, montamos a posição cinematográfica de um beijo. Você se curva toda para trás, os cabelos e o vestido como abertos feito cortinas de uma alcova. Eu a abraço e me debruço sobre você, uma perna dobrada em apoio, a outra estendida, como as suas. Aproximo meu rosto do seu, tão lento quanto o ralento das últimas notas musicais. Chego perto, perto, perto. Posso sentir o gosto rosáceo da sua respiração. Meu nariz toca o seu. Entreabrimos os lábios em entrega. Prestes tocarmos nossas bocas, a banda risca o acorde final e no mesmo golpe os holofotes se apagam.

Na escuridão total, eu sinto você. Sua boca fechando-se, afastada os milímetros necessários para eu me sentir jogado a outra extremidade. A dança acabada, eis de novo a Lucía com quem partilho os dias. Seu corpo teso na posição, mas sem esforço de qualquer busca a mais. Habitado ao fim. Mesmo ainda nos meus braços, você já tão inalcançável. Como eu faço para te tomar de volta? Precisa haver um jeito. Eu quero seguir com você. Com que passos, Lucía, me diga: com que passos você me escapa? ■



 **Rafael Gallo** é paulistano, autor de *Rebentar* (Record, 2015), romance que ganhou o Prêmio São Paulo de Literatura, e *Réveillon e outros dias* (Record, 2012), livro de contos vencedor do Prêmio Sesc de Literatura. Tem ainda contos publicados em diversas revistas e antologias, como *Desassossego* (Mombak, 2014) e *Machado de Assis Magazine* (Biblioteca Nacional, 2012), que publicou tradução do conto *Réveillon* para o espanhol. Gallo vive em São Paulo (SP).

 **Lucas Sevilhano** é ilustrador e aluno de Design Gráfico da Universidade Federal do Paraná (UFPR). A partir desta edição, alunos da graduação passam a colaborar com ilustrações para o **Cândido**. Sevilhano vive em Curitiba (PR)

Devota de São Gabriel (García Márquez)

Divulgação



Títulos infantojuvenis, clássicos da dramaturgia e, principalmente, realismo mágico formam as bases do repertório literário da atriz e comediante

OMAR GODDY

Acho que me mostrei demais falando dos meus livros preferidos”, diz, depois da entrevista, a atriz curitibana Kátiuscia Canoro — conhecida no meio artístico justamente pela discricção. Aversa à badalação, a eterna Lady Kate do *Zorral Total* largou o emprego na Globo há dois anos e se instalou em Florianópolis, onde vive com a família e toca projetos mais pessoais. Como o programa *Tudo tudo*, que estreou em outubro no canal pago Multishow e destoa completamente do humor popular que fez sua fama. Com seis episódios totalmente produzidos em Curitiba, a atração surpreendeu a crítica pelo tom nonsense e referências cinematográficas.

Além do cinema e do teatro (Kátiuscia tem um extenso currículo de peças apresentadas nos palcos locais), a literatura também é uma das fontes de inspiração da artista. “Não tem nenhuma citação literária específica no *Tudo tudo*. Mas os livros se incorporam a tudo, são uma influência não só no meu trabalho como na minha vida”, afirma a atriz, que adquiriu o hábito da leitura ainda pequena, graças ao exemplo da mãe. “Lembro que cresci vendo ela deitada na cama, lendo aqueles romances com nome de mulher, Agatha Christie e livros de autoajuda e espiritualidade”, conta.

A literatura infantojuvenil foi tão marcante na formação da atriz que ela, ainda hoje, sabe citar suas primeiras leituras. Uma lista que vai de *Maneco caneco chapéu de funil* (Luís Camargo) a *O bichinho da maçã* (Ziraldo), passando por *Meu pé de laranja lima* (José Mauro de Vasconcelos), *Contatos imediatos dos besouros astronautas* (Assis Brasil) e todos os títulos da Coleção Vagalume (Editora Ática). “Esses livros me trazem até um cheiro especial”, diz Kátiuscia, que mais tarde se interessou pelo universo de *As mil e uma noites* e pelas obras do norte-americano Richard Bach (*Fernão Capelo Gaiivota, Ilusões: As aventuras de um messias indeciso*).

Na fase seguinte de seu percurso como leitora, a artista se envolveu com temáticas místicas, espirituais, filosóficas, mitológicas, etc. O que talvez explique seu gosto posterior pelo realismo mágico, especialmente o praticado pelo argentino Julio Cortázar e o colombiano Gabriel García Márquez. “Esses são os meus autores favoritos. Amo a maneira como eles escrevem, mergulho naquelas histórias e consigo viver cada linha”, revela. “*O jogo da amarelinha* é de uma genialidade sem igual. E sobre o meu amado García Márquez, só posso dizer que sou devota. Ele é a minha leitura completa, com suspiros, *insights*, medos, alegrias, agonia, doçura, beleza, surpresa”, justifica.

Outro gênero presente em seu repertório é a dramaturgia, por motivos óbvios. “Fiz escola técnica de teatro, e isso me abriu os olhos para uma série de autores. Devorei Shakespeare, Brecht, Tchekov, Nelson Rodrigues, Ariano Suassuna... Essa lista não vai parar de crescer”, brinca a artista, que nasceu em Curitiba, foi criada no Rio de Janeiro e voltou ao Paraná aos 17 anos. Filha de um dos pioneiros da televisão no estado, Rafaele Canoro (apresentador do programa de talentos *Mini Chance*), ela conta que desde pequena quis ser atriz. Pisou em um palco pela primeira vez aos 12 anos, na escola. Aos 14, já trabalhava em peças infantis.

Casada com o ator croata Marin Nekic (seu parceiro na idealização e produção do *Tudo tudo*), Kátiuscia tem um filho de 4 anos, Pepe. Ela confessa que, desde o nascimento do garoto, passou a ler bastante sobre maternidade e temas afins — mas ainda dedica algum tempo para autores contemporâneos. “Pra não dizer que eu não leio mais nada além de ‘manual de mãe’, tenho gostado muito dos livros do Paul Auster e do Antonio Prata”, diz a atriz, que em 2017 planeja lançar a segunda temporada de seu programa e engatilhar um longa para o cinema da personagem Lady Kate. ■

O amor e outros objetos pontiagudos



Bernardo Carvalho trata da complexidade dos relacionamentos em seu mais recente romance, *Simpatia pelo demônio*.

Do romantismo até hoje, autores brasileiros recriam literariamente o casamento, do seu formato tradicional a novas possibilidades de vida a dois — incluindo até mais elementos na relação

MARCIO RENATO DOS SANTOS

S*impatia pelo demônio* (2016), o mais recente romance de Bernardo Carvalho, apresenta — entre outras questões — um casamento em ruínas. Funcionário de uma agência humanitária, o Rato enfrenta a crise da meia-idade, deixa a esposa e se envolve com um neurocientista, o personagem chihuahua (assim mesmo, em minúscula). Este, por sua vez, mantém um relacionamento com um ator, o Palhaço.

O professor aposentado da Universidade Federal do Paraná (UFPR) Paulo Venturelli afirma que é “simplesmente de babar” como o narrador de *Simpatia pelo demônio* esmiúça as taras do chihuahua, o seu poder de atração e manipulação, o movimento de guerrilhas amorosas que ele lança em direção a seus amantes, usando o corpo para atender a interesses mesquinhos, sumindo e aparecendo em ocasiões imprevistas.

A ruína de um relacionamento também aparece no mais recente livro de contos de Sérgio Sant’Anna, *O conto zero* (2016). A narrativa “Flores brancas” mostra a breve, mas intensa ascensão e queda de um casal. O escritor diz que levou tempo, “como sempre levo”, para escrever o conto. “A matéria-prima foi autobiográfica”, confessa. Depois de um relacionamento que se desfez, Sant’Anna foi morar sozinho num

barraco, onde tinha um pequeno jardim: “aí, um dia, me sentei de costas para a janela e de fato flores brancas caíram. Fiquei emocionado e falei para mim mesmo: ‘um dia vou escrever sobre isso.’ Acalentei a ideia durante muito tempo e depois a realizei literariamente”.

“Flores brancas” mostra o momento do encantamento de Célio por Lucrécia, e vice-versa (ele abandonou a esposa para viver com ela) e, posteriormente, cenas de uma guerra conjugal entre o novo casal, a exemplo do que se lê em um trecho da página 47: “Foi quando um ódio intenso me assomou à cabeça e eu tive vontade de bater em Lucrécia. Levantei o braço e aproximei-me dela. Ela encolheu-se toda e parei a tempo. Dei as costas para ela, atravessei a sala e a cozinha em direção ao quintal, passando pelo caramanchão, onde dependuráramos samambaias, e cheguei lá fora. Estava vivendo um momento crítico e o barulho dos grilos na escuridão, a luz dos vaga-lumes e o céu estrelado como que emprestavam solenidade a esse momento, e apreendi de uma só vez tudo aquilo que plantáramos e víramos crescer naquele ano e pouco que passáramos juntos.”

Em seu livro anterior, *O homem-mulher* (2014), há um conto que dialoga com “Flores brancas”. “Eles dois” traz apenas o momento idílico do relacionamento

do casal. O professor da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) Lourival Holanda observa que, em “Flores brancas”, Sant’Anna expõe o casamento/relacionamento, enquanto prática social competitiva, quase sempre cruel. Já Sant’Anna não deixa de dizer que o conto tem um final feliz, apesar da crise que os personagens enfrentam. “Célio tem um horizonte em aberto. Ele se redime sim”, pondera o ficcionista.

A cartilha do romantismo

Diferentemente daquilo que o leitor encontra em *Simpatia pelo demônio* ou em *O conto zero*, as primeiras representações do casamento na literatura brasileira aparecem no período romântico, no século XIX. A professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) Giovanna Dealtry alerta que é preciso fazer uma distinção entre casamento e relações afetivas. “O amor sempre foi um tema constante na literatura, desde os clássicos, mas não necessariamente havia uma correlação com o casamento”, comenta.

O casamento romântico, explica Giovanna, seria destinado aos jovens, movidos apenas pelo amor sincero, sem interesses financeiros. Igualmente, nos romances, continua a professora da Uerj, surge a discussão entre amor e situação financeira. “É preciso lembrar

que o casamento, para as famílias mais abastadas, tratava-se de um negócio, um arranjo econômico, pouco interessando o amor entre o casal. Por isso a importância do dote oferecido pela família da mulher que, em tese, tinha um peso morto em casa, já que as mulheres não poderiam ser herdeiras dos negócios familiares, nem trabalhar. O trabalho, como sabemos, era reservado às mulheres pobres ou escravizadas”, diz Giovanna.

Paulo Venturelli salienta que, antes de falar em casamento, seria interessante abrir espaço para uma reflexão sobre o amor. No caso, aquele amor com raízes nos trovadores e, em especial, no romantismo burguês. Trata-se, explica o professor aposentado da UFPR, da sujeição do desejo do homem/mulher a uma dada ordem social. “A sociedade sempre temeu as flamas do desejo. Precisou discipliná-lo por meio de normas. São elaborados certos códigos e verdadeiros métodos de colonização da mente/corpo para o humano ser enclausurado dentro de uma forma. O corpo passa a ter um significado, um sentido voltado para a ideologia dominante. A igreja, a medicina, as instituições jurídicas encarceram o corpo/desejo e todas as suas potencialidades são conduzidas para a criação da família — cresci e multipliquei-vos —, pois



Reprodução

isso interessa ao capitalismo nascente”, argumenta Venturelli, também escritor, autor, entre outros, do romance *Madrugada de farpas* (2015).

O casamento heterossexual, ressalta o pesquisador, dominou e domina nossa literatura. “No realismo, o interesse (ilusório) era refletir a realidade tal qual ela era. Os escritores não tinham muita ou nenhuma consciência de que captavam o mundo por meio da linguagem, logo, de um ponto de vista, a refratavam por meio de uma ideologia, de uma escala de crenças pessoais e sociais. Recortavam o entorno segundo princípios próprios que, por sua vez, eram modelados pelas crenças/princípios dos grupos hegemônicos”, afirma Venturelli, acrescentado que, no contexto a respeito do qual comenta, o fim do século XIX e o início do século XX, a literatura se via como fotografia da sociedade — o que pode ser comprovado, por exemplo, lendo a obra de José de Alencar.

“O escritor se queria um observador detalhista da mesma. É o tempo do reinado positivista que ainda dá as ordens por aqui. A literatura tinha pouco de arte. Era mais uma ilustração e uma comprovação das teses que permeavam a sociedade. Tudo vem perpassado por um deplorável *déjà vu*, obras enfadonhas com raízes no século XIX, num eterno refazer o que já foi escrito há muito”, acrescenta Venturelli.

Em tal cenário, Lourival Holanda não deixa de chamar atenção para um fato: não há amor na obra de Machado

de Assis. “Aqui está sua intuição, sua percepção crítica mais crua e cruel: naquela sociedade de então o casamento se rege pela lógica mercantilizada. Então, os amores são venais, negociáveis”, analisa. O professor da UFPE encontra, porém, uma exceção no legado do autor: o romance *Memorial de Aires*. “O narrador cala qualquer sarcasmo, coisa que aqui não cabe: o Conselheiro ama Fidélia, amor inviável, naquele contexto, mas amor: ele é capaz de desprender-se do que ama, e ainda amando”, diz. Não por acaso, a longa narrativa é a última que Machado escreveu, publicada em 1908. “Na temática em questão, o mais resolvido”, opina Holanda.

Negociatas no modernismo

O professor da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) Leandro Pasini enfatiza que o casamento é o ponto de chegada das narrativas tradicionais do romance romântico e do romantismo em geral. “Nesse sentido, a transcendência do sentimento amoroso corresponderia, no plano social, ao casamento que, como ponto de chegada, funciona como um ápice, sem que as suas contradições sejam desenvolvidas. O desenvolvimento dessas contradições começa a ser realizado a partir do realismo (no romance machadiano, por exemplo) e continuam até hoje na literatura”, comenta.

No modernismo, foco das pesquisas do professor da Unifesp, a noção de casamento é problematizada. Para

exemplificar o que diz, cita “As bodas montevidéanas”, de Mário de Andrade, publicado em *Remate de males* (1930). O poema traz o seguinte fragmento: “Amanhã cedo iremos a Montevidéu casar.../ Tem mais comodidade lá na Lei, até divórcio nos reserva,/ E nos iremos a Montevidéu só pra casar...”. “Perceba-se que o casamento ocorre já com o horizonte da possibilidade do divórcio, em um ponto em que a liberdade moderna (modernista) decide casar, mas não renuncia às potencialidades da separação. No caso, a busca da felicidade individual tem no casamento um de seus momentos, fundado na coexistência entre amor e companheirismo, mas não é o seu ápice”, analisa.

Pasini também destaca uma obra de Oswald de Andrade, *O rei da vela* (1934), em que há uma anatomia do casamento como uma convenção social baseada no interesse financeiro das partes. O agiota Abelardo I arranja um casamento com Heloísa, oriunda de uma família tradicional e falida. Ao procurar o noivo em horário de trabalho, acontece o seguinte diálogo: “ABELARDO I (Rindo.) — Você! Meu amor! Na hora do expediente!/ HELOÍSA — O nosso casamento é um negócio...”.

Em outro momento, o casal detalha o padrão da sua relação. Abelardo I explica a Heloísa que pagará o casamento dando-lhe uma ilha, ao que ela responde: “HELOÍSA — Em troca da minha liberdade. Chegamos ao casamento... Que você no começo dizia ser a mais imoral

das instituições humanas./ ABELARDO I — É a mais útil à nossa classe... A que defende a herança...”. A relação entre convenção, negociação e controle social da propriedade, assinala Pasini, não poderia ser mais clara.

Triângulos no século XX

De acordo com Paulo Venturelli, a literatura brasileira do século XX, de modo geral, apresenta o modelo de casal burguês, com seus triângulos amorosos — “na literatura, o homem casado ter uma amante era um modo de conservar o casamento.” Mas o estudioso lembra que há exceções, entre as quais *Grande sertão: veredas* (1956), de Guimarães Rosa, “com toda a ambiguidade dos sentimentos de Riobaldo por Diadorim”, *Crônica da casa assassinada* (1959), “um monstruoso estudo de Lúcio Cardoso sobre as ruínas de uma família que não se suporta mais sob as convenções e não tem como cobrir as feridas que vertem pus”, *Quarup* (1967), de Antônio Callado, “com um amor proibido eivando a narrativa em seu plano primeiro” e *Duas iguais* (1998): “manual de amores e equívocos assemelhados, um tormentoso envolvimento afetivo entre duas moças, de Cíntia Moscovich.”

Além das obras e autores citados por Venturelli, há outros dois nomes da literatura brasileira que, durante o século XX, problematizaram o casamento. Um deles é Nelson Rodrigues que, na definição de Lourival Holanda,



Reprodução



Reprodução

Os modernistas Mário de Andrade (acima) e Oswald de Andrade problematizaram o casamento em suas obras.



A obra de Nelson Rodrigues mostra as inúmeras dificuldades do casamento.

“fez tarefa freudiana ao expor o lado canalha dos casamentos burgueses”. Venturelli acrescenta que Rodrigues usa o casamento para mostrar a família como um grande centro produtor de neuroses e patologias de toda espécie. De toda a vasta obra do autor, ele destaca *Álbum de família* (1945) — um mostruário sem piedade de todas as mazelas que brotam no circuito de pessoas sob um mesmo teto. “O autor não deixa pedra sobre pedra, rasga o véu do tempo e faz vir à tona a doença do estatuto familiar”, analisa.

O *casamento* (1966), romance de Rodrigues, também merece atenção. A narrativa se concentra nas 24 horas que antecedem o casamento de Glorinha. O pai dela, Sabino, desco-

bre que o noivo da filha flerta com um homem e, num breve espaço de tempo, muito acontece. Sabino procura um padre, de quem escuta uma tese inesperada (que traz a verve polêmica do autor): “— Dizem que eu tenho ideias malucas. Mas, por exemplo, o casamento. Eu ponho o casamento acima de tudo. Essa gente está pensando o quê? O importante no casamento não é a noiva ou o noivo. É o próprio casamento. O ato sexual, que é o ato sexual? [...] — O ato sexual é uma mijada!”.

Outro autor que se dedicou ao assunto é Dalton Trevisan. Lourival Holanda acredita que Trevisan expôs a dramaturgia da mediocridade dos casais: “tomou o lugar-comum do

tema e, no traçado sucinto dos contos, carregou no lugar-comum da linguagem dos casais: assim esvaziou o tema de qualquer grandeza.” Para Venturelli, Trevisan foca nos “casos populares”, em que os personagens João e Maria são metáforas do povo e se deixam levar pela compulsão do prazer e do gozo, “níveis em que o amor é uma teatralização de impossibilidades.”

Um dos livros de Trevisan em que os impasses do casamento são explorados com maestria é *A guerra conjugal* (1969), posteriormente renomeado *Guerra conjugal* — adaptado para o cinema em 1974 por Joaquim Pedro de Andrade. Dialogando com o poema “Tragédia brasileira”, de Manuel Bandeira, em que o personagem é traído e, a cada nova traição, muda para um outro bairro, o conto “O senhor meu marido” apresenta as desventuras de um João sistematicamente enganado pela sua Maria — e não adianta mudar para outro bairro, seja Juvevê, Prado Velho, Capanema, Mercês, Batel ou Cristo Rei: ela será adúltera em qualquer endereço.

As impossibilidades de uma vida a dois aparecem em quase todos os contos de *Guerra conjugal*, seja “Grávida porém virgem” (A ausência de sexo entre o casal pode ser o que motiva infundáveis brigas), “A morte do rei da casa” (Uma carta anônima denunciando a infidelidade do marido é o começo do fim do relacionamento), “Lágrimas de noiva” (o marido não consegue conviver com a esposa) e “A partilha” (a esposa trai o marido com uma série de amantes). “De fato, Nelson Rodrigues e Dalton Trevisan são mestres na escrita sobre casamentos”, arremata Sérgio Sant’Anna.

Transformações recentes

Giovanna Dealtry tem convicção de que são as escritoras as responsáveis pela inovação no que diz respeito à recriação literária das relações conjugais nos séculos XX e XXI, entre as quais Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles e Marina Colassanti. “O casamento é visto não mais como um desejo ‘natural’ de toda mulher, caminho para a constituição familiar. Pelo contrário, são mulheres — na verdade, poderíamos tecer uma linhagem dessas escritoras e personagens desde o século XIX — que não acreditam no casamento como forma de realização pessoal”, afirma.

De acordo com a professora da Uerj, alguns contos de Clarice Lispector, como “Amor” e “A imitação da rosa”, revelam o desgaste do papel da esposa ideal em tensão com o desejo de escapar dessa condição. “A vida doméstica(da), a espera pelo marido que chega da rua, o cuidar das crianças são vistas como atividades sufocantes pela rotina estabelecida e pelo isolamento das personagens”, diz Giovanna, acrescentando que na ficção brasileira escrita por mulheres surgem novos temas, narrados do ponto de vista de personagens femininas, como o divórcio, o adultério, a constatação do tempo passado e o desgaste das relações.

Leandro Pasini observa que, na literatura e na vida, se a palavra casamento for entendida de modo convencional, como uma repetição ritual de fórmulas e comportamentos previamente estabelecidos (“sobretudo aqueles vinculados ao obscurantismo religioso e sua matriz sexista”), ela então remete a formas de opressão social e de gênero e com frequência gera e

perpetua a infelicidade subjetiva. “Contudo, se ela for esvaziada de seu conteúdo convencional e passar a significar o modo geral e livre como duas pessoas se relacionam e tornam essa relação pública e oficial, ela passa a ser uma manifestação da solidariedade, da fraternidade e — por que não? — do amor, entendidos como uma forma de compartilhar a vida de forma lúcida e generosa”, argumenta o professor da Unifesp.

Outras formas de amor se dão na realidade e na ficção brasileira — no entendimento de Paulo Venturelli —, principalmente nos livros *Todos nós adorávamos caubóis* (2013), de Carol Bensimon, e *Mil rosas roubadas* (2014), de Silviano Santiago — “com o seu perspicaz trabalho de máscaras escapadiças e não revelando o mundo afetivo entre Zeca e o professor universitário já idoso.”

Na avaliação de Venturelli, *Simpatia pelo demônio*, de Bernardo Carvalho (citado no início deste texto) é relevante não apenas pelo enredo, que apresenta as complexidades do relacionamento entre os personagens Rato e chihuahua (que também se envolve com o Palhaço, entre outros). Além de trazer uma problematização a respeito do que pode, ou não, ser um casamento, o romance se destaca pela linguagem e por evidenciar a compreensão que o autor tem da realidade e do fazer literário. “Ele não escreve para comprovar certas posturas teóricas, como muitos dos nossos escritores atuais ainda fazem, revivendo em tom menor o naturalismo de triste lembrança”, analisa o professor aposentado da UFPR. ■



Em alguns de seus contos, Clarice Lispector discute a presença da mulher no casamento e os desgastes dos relacionamentos.

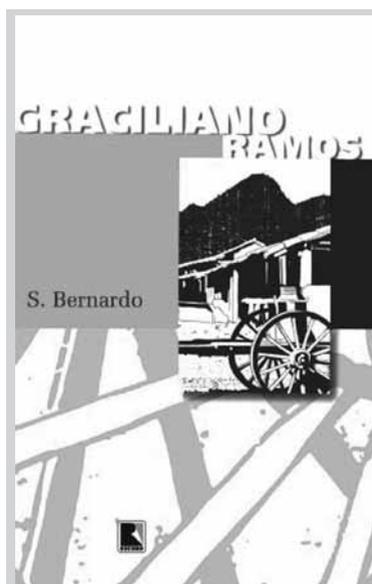
SEM QUÍMICA

Há um consenso a respeito do tema casamento e a poesia brasileira: não há química. O professor da UFPE Lourival Holanda afirma não haver “muito sucesso” formal na temática casamento na poesia brasileira. “As uniões se desgastam facilmente. A brisa do começo logo depois é a mesma que enferruja o mecanismo da relação cotidiana”, diz.



Senhora, de José de Alencar

O professor da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) Leandro Pasini afirma que *Senhora* (1875), de José de Alencar, é uma das obras da literatura brasileira em que o casamento teve uma representação incomum. “A função moralizadora e socialmente redentora do casamento atinge um ápice. Aí, o casamento corrige os comportamentos não normativos das personagens principais e os conforma à correlação entre posição social e comportamento moral”, diz Pasini. Aurélia Camargo apaixonou-se por Fernando Seixas, mas ele não quer se casar com ela, que é pobre, e sim com uma mulher rica. Tempos depois, Aurélia recebe uma herança e negocia o seu casamento com Seixas. O acordo estabelece que o noivo não saberá quem é a noiva até a véspera da cerimônia. Aurélia e Fernando acabam se entendendo e relevam tudo o que passou. João Luiz Lafeté escreveu que as imagens de *Senhora*, metáforas do luxo e do desejo, recobrem o som degradante do dinheiro que vai ao mercado e tudo compra: “longe de qualquer realismo, a narrativa projeta o sonho de uma outra sociedade, utopia mítica ‘iluminada por uma aurora de amor’”.



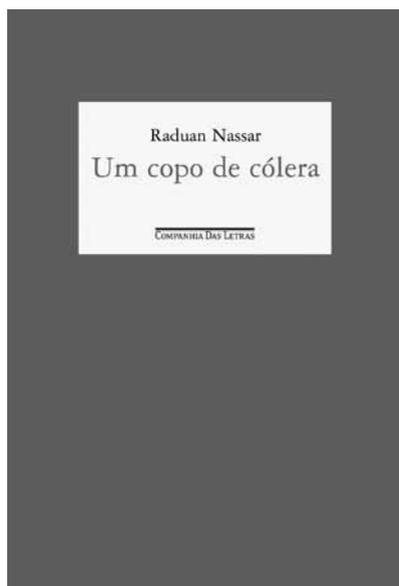
São Bernardo, de Graciliano Ramos

Publicado em *São Bernardo* (1934), de Graciliano Ramos, é um romance em que o casamento constitui, na definição do professor da Unifesp Leandro Pasini, uma relação problemática entre Paulo Honório e Madalena. De acordo com a professora da Uerj Giovanna Dealtry, a união deles se dá por interesses ou necessidades mútuas. “Ele interessado em ter um herdeiro, ela, professora pobre, acreditando ser possível aprender a amar um homem. O casamento aqui é sinônimo de posse do homem sobre a mulher”, explica Giovanna. O desfecho da obra é o suicídio de Madalena. Paulo Honório não se consola com a perda e com o seu destino de negociante e dono de fazenda: “Os sentimentos e os propósitos esbarram com a minha brutalidade e o meu egoísmo. Creio que nem sempre fui egoísta e brutal. A profissão é que me deu qualidades tão ruins. E a desconfiança terrível que me aponta inimigos em toda a parte! A desconfiança é também consequência da profissão. Foi este modo de vida que me inutilizou. Sou um aleijado. Devo ter um coração miúdo, lacunas no cérebro, nervos diferentes dos nervos dos outros homens.”



Dom Casmurro, de Machado de Assis

São muitas as questões que este romance, publicado em 1899, apresenta, entre elas um olhar sobre o casamento do ponto de vista de um narrador já com alguma experiência de vida, chamado de casmurro, mas que não gosta da alcunha. Quem narra é Bentinho, Bento Santiago, e ele vai atar as duas pontas da vida, que poderia ter sido bem mais feliz. Bentinho gostava de Capitu, mas foi para o seminário. No entanto, não se ordenou padre. Enquanto seminarista, conheceu Ezequiel de Souza Escobar, que tinha parentes em Curitiba e que se torna o seu melhor amigo. Uma das questões do livro é o ciúme que Bentinho sente de sua esposa Capitu — ele tem a impressão de que ela o traía com Escobar. Até o filho, Ezequiel, Bentinho achava parecido com o amigo — ele ficará cada vez mais convencido de que Ezequiel é filho do outro. Então, Escobar morre afogado no mar e, no velório, Bentinho analisa que a sua esposa manifestava sentimento demais para quem não compartilhava intimidade com o falecido: “Momento houve em que os olhos de Capitu fitaram o defunto, quais os da viúva, sem o pranto nem palavras desta, mas grandes e abertos, como a vagado mar lá fora, como se quisesse tragar também o nadador da manhã.”



Um copo de cólera, de Raduan Nassar

Escrita na década de 1970 e publicada em 1978, esta ficção já é um clássico da literatura brasileira. A narrativa apresenta um casal, a respeito de quem o leitor não tem informações precisas. Podem ser casados, mas eles também podem ser apenas amantes. A partir de um acontecimento aparentemente banal, os dois começam a discutir. A briga ocupa parte significativa do texto literário, de alta qualidade, como se lê em um trecho aleatório: “sem contar que ela, de olho no sangue do termômetro, se metera a regular também o mercúrio da racionalidade, sem suspeitar que minha razão naquele momento trabalhava a todo vapor, suspeitando menos ainda que a razão jamais é fria e sem paixão.” O livro é elogiado pela crítica, tem traduções para outros idiomas, entre os quais inglês e espanhol, e conquistou o prêmio de ficção da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA). Em 1999, Aluizio Abranches lança uma adaptação cinematográfica homônima do texto de Nassar, com Alexandre Borges e Júlia Lemmertz, entre outros, no elenco.



Operação impensável, de Vanessa Barbara

Vencedor do Prêmio Paraná de Literatura em 2014 na categoria romance, *Operação impensável* é uma ficção a respeito de um relacionamento que desanda. Lia e Tito são um casal nerd. Eles têm repertório cultural, conhecem cinema, por exemplo — e tais referências, pelo menos durante um período, os isolam do resto do mundo. Lia e Tito são incrivelmente infantilizados (durante o enredo, eles não transam). Em determinado momento, eles se desentendem e, então, há um conflito — o título da obra, inclusive, é emprestado de uma operação militar e foi utilizado pela autora para retratar, e definir, uma relação amorosa que vai se transformar em guerra conjugal. Em entrevista ao jornal *Cândido*, Vanessa falou sobre a obra: “Esse livro é como uma pessoa magra demais tentando caminhar no meio de uma tempestade de vento — a Lia é uma heroína forte que a todo tempo parece prestes a se esfarelar. Mas não esfarela. Pelo contrário, sai da narrativa milhões de vezes mais forte do que entrou.” Em 2015, o romance foi reeditado pela Intrínseca.



Madrugada de farpas, de Paulo Ventura

Curitiba é o cenário do romance *Madrugada de farpas* (2015), de Paulo Ventura. Inclusive, locais da capital paranaense, como o Shopping Curitiba e o Museu Oscar Niemeyer, servem de ambientação para a narrativa em que dois jovens, de pouco mais de vinte anos, querem se amar. Israel é filho de uma família de italianos, o pai administra uma cantina no bairro Santa Felicidade. Já Obadiah é um negro que migrou de um outro estado para cursar Letras em Curitiba. Os dois se conhecem na reitoria da Universidade Federal do Paraná e, após um início difícil, se envolvem. A narração mostra a intimidade do casal a céu aberto, em meio à natureza, da mesma maneira que há descrição do interior de quartos de hotéis e boates que eles frequentam. Mais do que tudo, *Madrugada de farpas* proporciona reflexões a respeito de várias formas de amar possíveis (a partir da angústia dos personagens) e de que como ainda hoje, no século XXI, há preconceito e intolerância em relação ao fato de um homem amar outro homem — o casamento tradicional é questionado durante quase toda a longa narrativa.

CONTO | LUIZ PAULO FACCIOLI



Ilustração Bianca Franco



AMOR V

Ficamos afinal livres. A vida corre com a suavidade do outono, suas sombras alongam-se preguiçosas na paisagem dourada neste sol de tarde, o tempo é apenas um calçamento irregular mas sereno para as nossas convicções tão retas. Foi-se a insegurança da pressa, foi-se a angústia de querer sempre a certeza de tudo. Pouco a pouco fomos descobrindo que nada é eternamente perfeito nem perfeitamente eterno, só esta imprecisa luz de outono, no meio de uma tarde no outono, assim morna, sem gravidade, sem peso ou medida, vaga, ampla, confortável. Ficamos afinal confortáveis depois de todos estes anos, polidos nas sucessivas perdas, pedras agora suaves, lisas. Assumimos também o gosto pelos adjetivos: pessoas, animais e coisas não cabem mais nos respectivos nomes. E não há segura capaz de nos encantar com alguma suposta virtude. As frases ficaram maravilhosamente longas, ingenuamente vagas. Demos um basta à concisão ao desejar que tudo seja agora caudaloso, incauto, interminável.

Envelhecemos.

E, assim como nossas frases, nos julgamos também intermináveis.

Será possível, Eugênio, viver para sempre?

Há tempo vinha pensando na hipótese do nosso fim e ela continuava sem fazer nenhum sentido. Ao me fugir a compreensão, acabei acreditando na eternidade, pelo menos naquilo em que ela nos dizia respeito. Creio que não fosse muito... nem somos assim tão velhos para que eu pensasse como se já estivéssemos prontos a morrer. Ainda não era o caso. Sessenta anos os dois, e todas as condições para chegarmos bem vivos aos oitenta, noventa quem sabe. Mais não sei, porque não consigo vislumbrar além. Ficamos de repente eternos, estranha mesquitez para quem já perdeu tanto. Primeiro a vergonha, antes mesmo que se fossem os parentes e com eles o mais severo dos julgamentos. Não criamos descendência, mas teria sido legítimo lutar por uma. Se quando jovens as coisas eram bem mais complicadas do que hoje são, agora mais do que nunca me arrependo de não ter ao menos tentado. Apesar de tudo e contra todos, vivemos bem até aqui.

Pelo menos, vivemos muito bem até agora.

Faltou apenas um filho. Queria muito que uma criança tivesse brincado nesta casa, quebrando alguns enfeites e a or-

dem tão ciosamente guardada ao longo dos anos. Um pouco de bagunça e de irritação nos teriam feito um grande bem. Aqui tudo foi sempre calmo, limpo. Depois de termos nos acostumado um ao outro, depois de os outros terem se acostumado conosco, uma tranquilidade excessiva nos invadiu. Deveríamos tê-la rompido de alguma forma. Nós, antes sempre tão fogosos, cometemos então a placidez do recato. Antes, quando ainda sentíamos alguma culpa, chegamos à conclusão tácita de que nossa casa talvez não fosse o lugar mais adequado para se criar um filho. Julgávamo-nos talvez indecentes, embora sem nunca termos pretendido renunciar ao que escolhêramos para nossa vida. E ela acabou decidindo por nós a calma.

Mas já passamos por poucas e boas. Lembra, Eugênio, quando tentaram nos expulsar do prédio?

Culpa daquele casazinho. Eles recém haviam chegado com suas duas filhinhas insuportáveis e logo passaram a implicar conosco. Disseram que não éramos um bom exemplo para as meninas, viravam a cara ao nosso cumprimento. Pobre gente, nunca souberam qual era a verdadeira histó-



ria. No começo, conseguiram o interesse de alguns poucos, tímidos, mas no fim a vizinhança inteira acabou se voltando contra eles: não porque alguém estivesse preocupado em nos defender, senão porque ninguém mais tolerava as duas pestinhas. O filho que sonhei em nada se pareceria com elas. Imaginei-o igual a Eugênio, educado, culto, bonito. Teríamos muito orgulho, a casa viveria sempre cheia, primeiro os colegas de escola, depois os amigos, as namoradas, por fim a mulher e os filhos: nossos netos. Se tivéssemos adotado uma criança, já seríamos talvez avós.

Você nunca pensou em ser avô?

Não, não consigo imaginá-lo posando de avô. Apesar dos sessenta e dos modos agora um pouco mais reservados, ele nunca perdeu o ar malicioso, o mesmo de quando era jovem, nem o hábito de esconder de mim suas revistinhas pornográficas. Eugênio pensa que eu não sei que ele as coleciona, como se fosse possível manter esse tipo de segredo entre nós depois dos anos todos de convivência. Mas ele ficaria muito constrangido se eu o desmascarasse, por isso fingi sempre não saber de nada. Eu também gosto de ver aquelas fotos, mas nunca tive coragem de confessar: não sei como ele teria reagido à minha franqueza. Ele sempre desejou de mim algo que eu não podia dar, uma fragilidade que nunca tive, uma

dependência que eu nunca senti em relação a nada ou ninguém. Mas aos poucos fui cedendo, e ele acabou por se tornar o homem da casa. Parece incrível que eu tenha chegado ao cúmulo de ostentar marido e sonhar com filho, duas hipóteses que jamais frequentaram meus planos.

E agora isto.

A vida à qual Eugênio e eu nos propusemos não contava com essa naturalidade toda.

O que foi que aconteceu com a gente?

Nós não crescemos juntos. Morávamos em cidades diferentes, as famílias raramente trocavam visitas. Eu era filho único, ele tinha um irmão mais velho, poucas vezes nos encontramos durante a infância. Onze anos os dois quando aconteceu o desastre. Ao deixar o hospital, ele veio morar conosco. Lembro-me dele chegando em nossa casa, quietinho, assustado, com o braço muito magro apoiado numa tipoia e a cabeça metida num enorme curativo. Salvo por milagre, repetiam todos. Cuspido para fora do carro, único da família a ter a sorte de escapar ao incêndio que sucedeu à batida. Milagre, sorte, eu duvidei de ambos ao vê-lo num desamparo tão grande nesse dia como nunca voltaria a ver ninguém. Ele jamais quis falar sobre o que presenciou na noite do acidente, eu tampouco perguntei, e deixamos ao tempo a tarefa de nos fazer esquecer que esse havia sido o começo.

Posso pedir que você passe um café antes de ir?

De repente, o desejo de sentir o cheiro de café recém feito. Ninguém prepara um café tão bem quanto Eugênio, o meu sai sempre aguado, o dele é sempre no ponto. O café é apenas uma de suas várias habilidades culinárias, a mais singela, a menos reconhecida pelos outros, mas hoje é desse cheiro que eu preciso. Perfume de café novo invadindo a casa, com ele a certeza de uma autêntica tarde de quase inverno e esta minha necessidade tão nova e insistente de me apoiar no passado. Por que logo hoje, depois de tanto tempo sem pensar no assunto? Há muito Eugênio parece não se importar com nada do que eu falo, e as nossas recordações tornaram-se agora só minhas.

Que história mais doida a nossa, Eugênio!

Desde quando chegou, meus pais sempre o trataram como a um filho, mas para mim ele nunca foi muito igual a um irmão. Juntos cursamos o último ano do primário, depois o ginásio, fizemos travessuras, descobrimos o sexo mexendo com as coleguinhas na saída do colégio. Entramos na vida de mãos dadas, e assim vivemos até hoje. Meu pai morreu quando tínhamos quinze anos. Nessa época, nos unimos ainda mais: a dor nos aproximou

muito além do que talvez devesse. Alguns anos mais tarde, a mãe chegou a acompanhar nossa intenção de sair de casa para vivermos juntos. Foi muito difícil para ela, e não creio que tenha realmente aceitado. Era como se dois filhos decidissem casar um com o outro, mas ela pediu que ficássemos. Afinal, nós três éramos os últimos. Ela nos deixou alguns meses depois, sem nunca ter compreendido o que realmente nos acontecia. Eu pensava saber até há pouco.

O cheiro bom chega finalmente da cozinha. Ninguém passa um café tão bem quanto meu primo. De repente ele voltou a ser apenas isto: meu primo.

O que me fez acreditar, Eugênio?

Ficamos afinal livres. As sombras do outono continuam a se alongar preguiçosas na paisagem dourada neste sol de tarde. O tempo é ainda um calçamento irregular, talvez não mais tão sereno: desde o começo pensei que seria para sempre, mas não foi. Pedra mais uma vez polida. Nada é eternamente perfeito nem perfeitamente eterno, nem este sol, nem esta suavidade.

*Ele vai com quem agora escolheu.
Eu fiquei preso a esta tarde.*

O que me fez acreditar que a eternidade era possível? ■



Luiz Paulo Faccioli nasceu em Caxias do Sul, em 1958, e lá viveu até 1977, quando mudou-se para Porto Alegre, cidade onde mora atualmente. É músico, compositor, juiz Allbreed e Instrutor pela The International Cat Association – TICA. Autor de *Elepê* (contos, 2000), *Estudo das teclas pretas* (novela, 2004), *Cida, a gata maravilha* (infantojuvenil, 2008) e *Trocando em miúdos* (contos, 2008), participou das antologias *Porto Alegre: curvas e prazeres* (contos eróticos, 2002), *Os cem menores contos brasileiros do século* (2004) e *35 segredos para chegar a lugar nenhum* (crônicas, 2007), entre outras. É crítico literário e colunista de literatura da rádio Band News Porto Alegre.

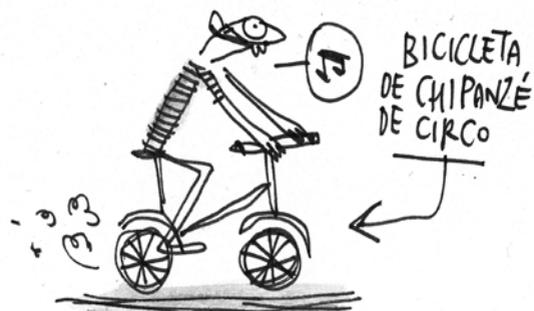
FORA de QUESTÃO





FD ② FORA de QUESTÃO

O CRETINO COM SUA PATÉTICA - E CARA - BICICLETINHA DO BRAVEL ACHA QUE VAI SALVAR O MUNDO.

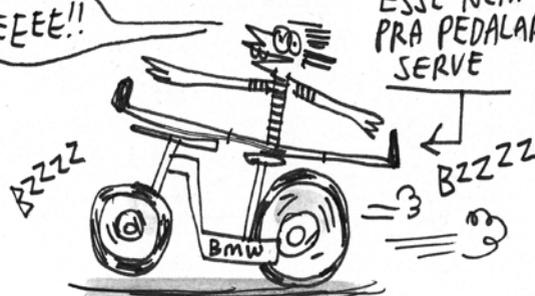


4

MAS ELE ESTÁ PERDENDO TERRENO PARA OUTRO TIPO DE CRETINO: O CRETINO DA BICICLETINHA ELÉTRICA.

EEEE!!

ESSE NEM PRA PEDALAR SERVE



2

O FATO É QUE AMBOS SE ACHAM CIDADÃOS EXEMPLARES DE UMA CLASSE SUPERIOR IMUNE AS REGRAS DE TRÂNSITO.

CONTRAMÃO!!!

OLHA A CALGADA!!!

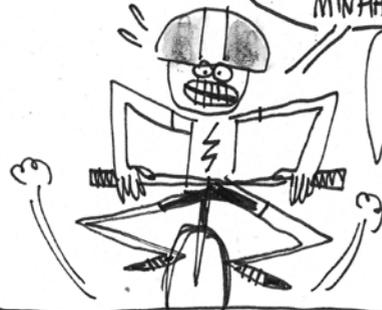


3

ATÉ PARECE QUE ESSES CORNOS É QUE VÃO ACABAR COM A EMISSÃO DE GÁS CARBÔNICO NA ATMOSFERA.

TÔ FAZENDO MINHA PARTE!

FAZ NO BANHEIRO!



4

NÃO CANSAM DE REAFIRMAR COMO É PRAZIEIROSO IR DE CASA PARA O TRABALHO DE **BIKE!** (DA GÁVEA ATÉ BOTAFOGO)

MANO!! É A ÚNICA SAÍDA!!!

OU ISSO QU... PATINS!!



5

ELES NÃO ENTENDEM COMO O PEÃO QUE MORA EM DUQUE DE CAXIAS E VEM TODO DIA TRABALHAR NO FLAMENGO AINDA USA ÔNIBUS.

PUTA ALIENADO, MEO! COLABORA COMO CAOS E O AQUECIMENTO GLOBAL



6



VIAGEM À ITÁLIA

Ao ar puro de maio
(à moda de Sandro
Penna)

Ragazzo calabrese
no batente da manhã.
Meio-dia, sol é pino,
tatuagem sob a manga,
a primavera, um desvestir-se.
Vai com pressa à outra loja
consertar o celular.
Quem sabe o espreitam,
tamanha sua confiança
no mero pisar,
no olhar para os lados,
para lá e para cá,
para a frente e por detrás.

*Ragazzo sim, mas...
calabrese?*

Roma, dois mil e
dezesseis

A bunda-falo
do fauno
de Bernini.
Homem Cavalo Pedra
Giroscópio da visão,
mausoléu de obelisco,
pedra sobre
pedra, polida, rotunda
lançada para o alto
sursum, corda, mais
e mais, para o alto,
perfura, percrusta, incrusta
no azul
memória de dentes
rasgando carnes.

Meia noite

Procuo um coliseu
entre muros de Fellini
e uma lua de festim.

Ruína fresca de uma vida,
a liça, o riste, o risco,
a cena incompleta do filme,

as faces efêmeras, aparições
ruidosas, que confraternizam.
Ezra Pound, Pier Paolo, vago entre livros.

Pelas ruas adjacentes, pelos cantos
marginais, junto ao parque
já fechado, o *ragazzo* calabrês

ostenta o ser que nunca foi,
nem será. Suspende o tempo
com seu braço de academia,

seu orgulho, pequeno e vultoso,
numa língua sabor de sul,
para inglês ver, fotografar, postar.

Sem retorno

A sombra da terra de origem
esvaneceu-se, é como fiapos de nuvem
entre montanhas amenas, oliveiras,
percursos de trem

e um oceano inteiro, um salto
interplanetário, entre estrelas
apenas entrevistas.

O sortilégio do Amazonas, a foz,
as fontes inexauríveis do fluxo vital,
os cipós entrelaçados desde um tempo
de mais esfumada lembrança: enredos transgressivos
possivelmente ancestrais, é como um de-ene-ah!

Tudo se tornou longínquo, lendário,
material para um romance,
para um devaneio solitário.



Italo Moriconi (aqui assinando italo moriconijr) nasceu no Rio de Janeiro em 1953, onde mora há 40 anos, depois de ter passado a infância e a juventude em Brasília. Filho de pai designer italiano e mãe professora paraense, publicou os livros de poemas *Léu* (1988), *A cidade e as ruas* (1992), *Quase sertão* (1996) e *História do peixe* (2001). Após passar oito anos como diretor e publisher da Editora da UERJ, retoma agora as lides docentes e literárias. É professor associado de Literatura Brasileira da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Entre outros, é autor de uma biografia de Ana Cristina Cesar (*O sangue de uma poeta*, reeditado agora em 2016 pela Egalaxia), organizou as Cartas de Caio Fernando Abreu (2002, também a ser proximamente reeditada pela Egalaxia). Como curador literário, organizou antologias de prosa e de poesia, supervisiona atualmente a reedição das obras completas de Manoel de Barros para a editora Alfaguara e prepara um volume de textos selecionados de Torquato Neto para a editora Autêntica.

CLIQUES

EM CURITIBA





 Nascida em 1994, **Isabella Lanave** descobriu o interesse pela fotografia há quatro anos, quando iniciou o curso de Jornalismo. Especializou-se em ensaios femininos e documentais, e hoje é integrante dos coletivos de fotógrafos R.U.A. e Flanares. As imagens publicadas no **Cândido** fazem parte da série *Pelos encontros do meu caminho*.

Bob Dylan por José Marconi

Não bastasse a brilhante carreira na música, Bob Dylan agora também faz parte do seleto grupo de autores agraciados com o Nobel de Literatura. Autor de apenas dois livros — o romance experimental *Tarântula* e o memorialístico experimental *Crônicas* —, Dylan no entanto é celebrado mundialmente por suas espetaculares letras, muitas delas longas narrativas contadas de forma poética, a exemplo de “Like a rolling stone”. Desde que estreou há mais de 50 anos, em 1962 (com o disco folk que levava seu nome no título), o compositor se tornou uma referência para várias gerações de artistas, dos Beatles a Caetano Veloso, dos poetas beats a Andy Warhol. Nesta edição, o artista gráfico José Marconi apresenta sua visão de Dylan ainda jovem, quando se apresentava como um trovador discípulo de Woody Guthrie.

